

*Katharina
Hagen*

O SABOR DOS
CAROÇOS DE MAÇÃ

Tradução de Edna Narchial Franco

Dedicado a Christof

*La mémoire ne nous servirait à rien
si elle fût rigoureusement fidèle.*

*A memória não nos serviria de nada
se fosse rigorosamente fiel.*

Paul Valéry

CAPÍTULO 1

A tia Anna morreu aos dezasseis anos devido a uma pneumonia, que não conseguira curar por na altura não ter sido ainda descoberta a penicilina, e também porque o seu coração estava repleto de mágoa. A sua morte ocorreu ao final de uma tarde de julho. Bertha, a irmã mais nova de Anna, correria em lágrimas pelo jardim, observando como, no momento em que Anna dava o seu último suspiro, todas as groselhas vermelhas se tornaram brancas. Era um jardim enorme, e os arbustos de groselha, que ali cresciam há imenso tempo, curvavam-se com o peso dos frutos. Há muito que deviam ter sido colhidos, mas, quando Anna adoeceu, ninguém mais se lembrou das bagas. A minha avó falara-me muitas vezes sobre os frutos, pois fora ela quem, em tempos, descobrira as enlutadas groselhas. Desde então, passaram a existir apenas groselhas pretas e brancas no jardim da minha avó, e todas as tentativas de cultivar groselhas vermelhas caíam por terra. Nos ramos dos arbustos cresciam somente bagas brancas. No entanto, ninguém parecia importar-se muito com isso, e as groselhas brancas eram praticamente tão doces como as vermelhas, com a vantagem de que, quando eram espremidas, não estragavam os aventais com nódoas. A compota obtida cintilava numa transparência lívida e misteriosa. A minha avó chamava-lhe «lágrimas em conserva». Nas prateleiras da cave existiam ainda frascos de todos os tamanhos, com geleia de groselha de 1981, um verão particularmente rico em lágrimas, o último de Rosmarie. Certa ocasião, enquanto procurava pepinos em conserva, a minha mãe encontrou um frasco de 1945, com as primeiras «lágrimas» do pós-guerra. Decidiu oferecer o

referido frasco à Associação para a Proteção dos Moinhos e, quando lhe perguntei porque tinha oferecido a maravilhosa geleia da avó a um museu regional, a minha mãe disse que aquelas lágrimas eram demasiado amargas.

A minha avó Bertha Lünschen – o nome de solteira era Deelwater – faleceu algumas décadas após a tia Anna, mas já há muito que não sabia sequer quem tinha sido a sua irmã, o seu próprio nome ou se era verão ou inverno. Tinha-se esquecido para que serve um sapato, um novelo de lã ou uma colher. No espaço de dez anos, foi-se desfazendo das memórias, com a mesma facilidade descuidada com que alisava os pequenos caracóis brancos na sua nuca ou juntava na mesa as pequenas migalhas invisíveis. Mais do que das feições do seu rosto, lembrava-me do barulho das suas mãos, de pele áspera e seca, na mesa da cozinha. E lembrava-me também da forma como fechava com força os dedos, cheios de anéis, para segurar as migalhas invisíveis, como se tentasse agarrar as figuras fugidias que lhe atormentavam o espírito. Mas talvez Bertha quisesse apenas não sujar o chão, ou simplesmente alimentar os pardais que, no início do verão, tanto gostavam de apanhar banhos de sol no jardim, e que teimavam em desenterrar os rabanetes. Mais tarde, na casa de repouso, a mesa era em fórmica, e, assim, a sua mão emudeceu. Antes de ter perdido por completo a memória, Bertha contemplou-nos no seu testamento. A minha mãe Christa herdou os terrenos, a tia Inga herdou títulos do tesouro, a tia Harriet o dinheiro. Eu, a última descendente, herdei a casa. As joias e a mobília, os tecidos de linho e as pratas deveriam ser divididos entre a minha mãe e as minhas tias. O testamento de Bertha era claro como a água da chuva – e igualmente decepcionante. Os títulos de tesouro não tinham muito valor, ninguém, exceto as vacas, queria viver nas terras de pasto das planícies do norte da Alemanha, o dinheiro não era muito, e a casa era velha.

Bertha deve ter-se lembrado do quanto eu gostava da casa no passado. Mas só após o funeral tomámos conhecimento daquela que foi a sua última vontade. Viajei sozinha. Foi uma viagem longa e difícil, em vários comboios: eu vinha de Friburgo e tive de atravessar o

país todo, antes de sair de um autocarro praticamente vazio, que me transportara aos abanões desde uma fantasmagórica estação o ferroviária de província, passando por diversos lugarejos, até finalmente me deixar na aldeia de Bootshaven, na paragem em frente à casa da minha avó. Sentia-me exausta devido à viagem, à tristeza e aos sentimentos de culpa que geralmente temos quando morre alguém de quem gostávamos, mas que no fundo não conhecíamos bem.

A tia Harriet também tinha vindo. No entanto, agora já não se chamava Harriet, mas sim Mohani. Não usava porém nenhum traje cor de laranja, nem estava careca. Apenas um colar de pérolas de madeira, com a imagem do guru, nos dava um indício da sua nova e iluminada condição. Com o cabelo curto, pintado de vermelho, e os ténis da Reebok, destacava-se do resto dos vultos negros reunidos em pequenos grupos em frente à capela. Fiquei feliz por vê-la, apesar de alguma angústia e desconforto, por me lembrar que a vira pela última vez há já treze anos, quando tivemos de fazer o funeral de Rosmarie, a filha de Harriet. A sensação de angústia permanecera sempre comigo, até porque, de cada vez que via o meu rosto refletido no espelho, pensava na Rosmarie. O seu funeral foi um momento insuportável. Claro, é sempre insuportável assistir ao enterro de uma menina de quinze anos. Eu, pelo que me contaram mais tarde, acabei por desmaiar profundamente. Recordo-me apenas que os lírios brancos pousados no caixão exalavam uma fragrância quente e húmida, que se prendia ao meu nariz e entrava aos sopros pela minha traqueia. O ar começou a faltar-me. E foi então que comecei a andar às voltas num buraco branco.

Acordei mais tarde, já no hospital. Ao perder os sentidos, batera com a testa na berma do passeio, e o ferimento teve de ser cosido. Fiquei com uma cicatriz na zona acima do nariz. Uma marca branca. Foi a primeira vez que desmaiei e, a partir de então, os desmaios repetiram-se com muita frequência. Estes episódios de desfalecimento são um problema de família.

Após a morte da filha, a tia Harriet perdera a fé. Virara-se então para Bhagwan, o protetor dos mais pobres, era o que constava entre

os seus conhecidos. Aderira a uma seita. A palavra seita era proferida em voz baixa, como se se temesse que essa seita pudesse espiar uma pessoa, prendê-la ou partir-lhe o crânio, deixando-a no mesmo estado de paralisia que os loucos de *Voando Sobre Um Ninho de Cucos*, titubeando por entre os passeios deste mundo e tocando címbalo com uma alegria infantil. Mas a tia Harriet não parecia querer tocar címbalo no funeral de Bertha. Quando me viu, apertou-me com força e beijou-me a testa. Beijou várias vezes a cicatriz na minha testa, mas não disse uma palavra, e empurrou-me para junto da minha mãe. A mamã aparentava ter passado três dias a chorar. Ao vê-la, senti um aperto no coração, como se este ficasse reduzido a um coágulo enge-lhado. Que terrível, ter de assistir ao enterro da própria mãe, pensei eu, quando me afastei dela. O meu pai estava a seu lado, apoiando-a, e parecia muito mais pequeno do que da última vez que o vira, e tinha rugas no rosto que eu ainda não conhecia. Um pouco afastada estava a tia Inga, que, apesar de ter os olhos vermelhos de choro, estava sensacional. Os cantos da sua linda boca curvavam-se para baixo, o que no caso dela não lhe dava um ar triste, mas sim soberbo. E embora o seu vestido fosse simples e discreto, não parecia um traje de luto mas um belo vestido preto. Tinha vindo sozinha e segurou-me com as duas mãos. Estremeci um pouco ao sentir um pequeno choque causado pela sua mão esquerda. No braço direito usava a sua pulseira de âmbar. As mãos da tia Inga eram ásperas ao toque, quentes e secas. Era uma ensolarada tarde de junho. Observei as outras pessoas ali presentes. Muitas mulheres de cabelos brancos encaracolados, com óculos de lentes grossas e malas de mão pretas. Eram as amigas do grupo de chá da avó Bertha. O antigo presidente da Câmara, e obviamente Carsten Lexow, o antigo professor da minha mãe, algumas colegas de escola e primas afastadas da minha tia e da minha mãe. Por fim, três homens altos, de ar sério e acanhado, que estavam de pé, lado a lado, e que depressa foram reconhecidos como sendo antigos admiradores da tia Inga. De facto, mal se atreviam a olhar abertamente na sua direção, mas também não a perdiam de vista um minuto. Os Koop, os vizinhos, também tinham vindo, bem como algumas outras pessoas que não consegui identificar, talvez da casa de repouso, da agência funerária ou do escritório do meu avô.

Mais tarde todos se dirigiram para o café ao lado do cemitério, para comer biscoitos de manteiga e beber café. Tal como acontece em todos os funerais, as pessoas ali presentes começaram imediatamente a conversar, primeiro murmurando baixinho, mas depois falando cada vez mais alto, e mesmo a minha mãe e a tia Harriet conversavam agitadamente. Os três admiradores da tia Inga estavam agora ao seu redor, de pernas afastadas e com as costas ligeiramente curvadas. A tia Inga parecia estar já à espera das manifestações de apreço por parte destes senhores, tendo-as aceite com um certo ar de ironia.

As amigas do chá sentaram-se ao pé umas das outras, formando uma pequena reunião de senhoras. Tinham nos lábios vestígios de açúcar e de lascas de amêndoa. Comiam como falavam: devagar, ruidosamente e sem parar. Juntamente com as duas empregadas de mesa, o meu pai e o Sr. Lexow trouxeram da cozinha as travessas de prata com montinhos de biscoitos de manteiga e colocaram diversas cafeteiras em cima da mesa. As amigas do chá gracejaram um pouco com estes dois jovens senhores tão atenciosos, tentando persuadi-los a juntar-se ao grupo. Enquanto o meu pai brincava respeitosamente com elas, o Sr. Lexow mostrava um sorriso receoso, optando por refugiar-se nas mesas vizinhas. Afinal de contas, ele tinha de viver ali.

Quando abandonámos o café o tempo ainda estava quente. O Sr. Lexow prendeu umas argolas de metal às bainhas das calças e montou na sua bicicleta preta que estava encostada ao muro, sem o cadeado. Levantou a mão por uns instantes e partiu apressadamente em direção ao cemitério. Os meus pais e as minhas tias permaneceram em frente à porta do café, piscando os olhos devido à luminosidade do entardecer. O meu pai, tossindo levemente, disse:

– Viram aqueles homens? Está-se mesmo a ver, a Bertha fez um testamento.

Os tais homens eram, com efeito, advogados. O meu pai ainda não tinha terminado. Abriu a boca e fechou-a novamente. As três mulheres continuaram a contemplar o sol vermelho e não disseram nada.

– Estão à nossa espera lá em casa.

Quando a Rosmarie faleceu era ainda verão, mas à noite os prados libertavam já um aroma típico de outono. Assim, as pessoas arrefeciam muito depressa quando estavam deitadas no chão. Pensei na minha avó, que jazia sob a terra, e na cova escura e húmida onde ela agora se encontrava. Um terreno lamacento, sujo e preto, ali mesmo debaixo da areia. O monte de terra junto à sua campa secara com o sol, e a areia estava sempre a cair, formando pequenos montículos, como acontece numa ampulheta.

– Isto sou eu – lamentara Bertha –, esta é a minha cabeça.

Acenou com a cabeça para a ampulheta que estava em cima da mesa e levantou-se da cadeira apressadamente. Ao fazê-lo, tocou com as ancas na ampulheta, lançando-a para fora da mesa. A fina estrutura de madeira partiu-se, o vidro estilhaçou e saltou. Eu era uma criança, e a sua doença não estava ainda tão avançada a ponto de se notar. Ajoelhei-me e com o dedo indicador espalhei a areia branca que estava no chão de pedra preto e branco. A areia era extremamente fina e brilhava à luz da lâmpada da cozinha. A minha avó estava de pé ao meu lado, suspirou e perguntou-me como é que fui capaz de partir aquela bonita ampulheta. Quando lhe respondi que fora ela quem a partira, abanou a cabeça como que a dizer que não, voltou a abaná-la, e abanou-a mais vezes. A seguir varreu os cacos e deitou-os no caixote do lixo.

A tia Harriet segurou-me pelo braço, e eu estremeci um pouco.

– Vamos? – perguntou-me.

– Sim, claro.

Tentei libertar-me do seu suave aperto, ela soltou-se de imediato e apercebi-me do seu olhar pelo canto do olho.

Fomos a pé até casa, pois Bootshaven é uma aldeia muito pequena. As pessoas baixavam a cabeça com um ar sério, à medida que íamos passando. Numa das vezes, umas senhoras de idade atravessaram-se no nosso caminho e deram-nos um aperto de mão, mas não ao meu pai. Não conhecia nenhuma delas, mas todas elas pareciam conhecer-me e disseram, ainda que em voz baixa – por respeito à nossa dor –, e contudo com um ar de triunfo quase impercetível por terem prendido

a atenção de alguém, que eu era parecida com a pequena Christel. Demorei um pouco até perceber que a pequena era a minha mãe.

A casa via-se ao longe. A videira selvagem crescia ao longo da fachada e as janelas do piso superior não eram mais do que depressões quadrangulares numa densa camada de vegetação verde-escura. As tílias à entrada tinham a altura do telhado. Quando toquei na parede lateral da casa, senti nas minhas mãos o calor das pedras vermelhas e ásperas. Uma rajada de vento atravessou a videira, as tílias balançaram, a casa suspirou docemente.

Os advogados estavam ao pé da escada que conduzia à porta de entrada. Um deles apagou o cigarro quando nos viu chegar. Depois baixou-se rapidamente e desfez-se da beata. Enquanto caminhávamos a passos largos, ele baixou a cabeça, pois apercebera-se de que o tínhamos visto. O seu pescoço estava vermelho, e concentrara-se a remexer na sua pasta. Os outros dois homens olharam para a tia Inga. Ambos eram mais jovens do que ela, mas começaram de imediato a cortejá-la. Um deles tirou uma chave do interior da pasta e olhou para nós com ar inquieto. A minha mãe pegou na chave e colocou-a na fechadura. Quando o sino de bronze pendurado na dobradiça da porta tocou, as três irmãs esboçaram o mesmo meio-sorriso.

– Podemos ir para o escritório – disse a tia Inga e seguiu em frente.

O aroma do *hall* de entrada deixou-me atordoada. Cheirava ainda a maçãs e pedras frescas. A arca de cânfora da minha bisavó Kätke estava encostada à parede. À esquerda e à direita da mesma estavam as cadeiras de carvalho com o brasão da família: um coração dividido por uma serra. Os sapatos da minha mãe e os da minha tia Inga faziam barulho, a areia rangia sob as solas de couro e apenas a tia Harriet seguia lenta e silenciosamente com os seus ténis da Reebok.

O escritório do avô estava arrumado. Os meus pais e um dos advogados, o jovem do cigarro, juntaram quatro cadeiras à volta da mesa, três de um lado, e uma do lado oposto. Imponente e alheia a todo este reboliço, a escrivãzinha de Hinnerk erguia-se entre as duas janelas que espreitavam para a entrada junto às tílias. Os raios de luz

atravessavam as folhas das tília e polvilhavam a sala. O pó dançava no ar. A sala estava fria, a minha mãe e as minhas tias sentaram-se nas três cadeiras escuras; um dos advogados ocupou a cadeira de escritório de Hinnerk. Eu e o meu pai ficámos atrás das três irmãs e os outros dois advogados ficaram de pé junto à parede. As pernas e as costas das cadeiras eram tão altas e verticais que os corpos nelas sentados assumiram uma posição em ângulo reto: pés e canelas, pernas e costas, antebraços e braços, pescoço e ombros, queixo e pescoço. As irmãs pareciam estátuas egípcias na antecâmara de um túmulo. Embora a luz inquieta nos encadeasse, não era suficiente para aquecer a sala.

O homem sentado na cadeira, não o que tinha o cigarro, fez estalar os fechos da sua pasta, o que parecia ser uma espécie de sinal para os outros dois. Tossiram em simultâneo e olharam com ar sério na direção do primeiro, aparentemente o líder do grupo. Este apresentou-se como sendo o sócio do antigo sócio de Heinrich Lünschen, o meu avô.

O testamento de Bertha foi lido e explicado, tendo o meu pai ficado encarregue da sua execução. Notou-se um ligeiro movimento nos corpos das irmãs no momento em que ouviram que a casa seria para mim. Deixei-me cair para cima de um banquinho e olhei para o sócio do sócio. O homem do cigarro olhou para mim, eu baixei o olhar e fixei o folheto que ainda tinha nas mãos, com as letras dos cânticos fúnebres. A partitura de *Ó cabeça, cheia de sangue e feridas*¹ ficara impressa nos meus polegares. Impressora a jato de tinta. Pensei em cabeças cheias de sangue e feridas, cabelos da cor de jatos de tinta vermelha, buracos nas cabeças, as falhas de memória de Bertha, areia de ampulheta. Com areia, quando está suficientemente quente, faz-se o vidro. Passei os dedos pela minha cicatriz. Não, não havia areia a escorrer para fora, apenas pó a saltar da minha saia de veludo quando voltei a fechar a mão e a cruzar as pernas. Observei a pequena malha puxada que partia do meu joelho e desaparecia sob o vestido de veludo preto. Senti o olhar de Harriet e olhei para cima. Os seus olhos

¹ O *Haup voll Blut und Wunden* no original, coro da *Paixão Segundo S. Mateus*, BWV244 de Johann Sebastian Bach (N.T.)

estavam cheios de compaixão. Ela detestava a casa. Em memória de Rosmarie. Que outra pessoa teria pronunciado essas palavras? Esquecidas. Quanto maiores eram as falhas de memória de Bertha, maiores eram os fragmentos de recordações que se perdiam. Quanto mais confusa ficava, mais absurdas eram as peças de lã que tricotava e que, num constante desfazer de malhas, na junção de vários pontos, na execução de novos pontos de malha ao acaso, cresciam em todas as direções e novamente encolhiam, se abriam e se emaranhavam e se espalhavam por todo o lado. A minha mãe reunira as malhas de lã em Bootshaven e levara-as para casa. Mantinha-as guardadas numa caixa de cartão dentro do guarda-fato do seu quarto. Dei com elas por acaso e, com uma mistura de desilusão e divertimento, espalhei cada peça de lã sobre a cama dos meus pais. A minha mãe entrou no quarto, eu já não morava com ela, e a avó Bertha estava no lar. Por instantes ficámos a olhar para as monstruosidades feitas de lã.

– Todos temos de conservar as nossas lágrimas em algum lugar – disse a minha mãe, como que a desculpar-se, depois voltou a arrumar tudo dentro do roupeiro. Nunca mais voltámos a falar sobre os *tricots* de Bertha.

Sáímos do escritório em fila indiana, percorremos o corredor em direção à porta de entrada e ouvimos novamente o tilintar metálico dos sinos. Os homens cumprimentaram-nos e foram-se embora, e nós sentámo-nos nas escadas lá fora. Quase todas as lajes branco-amareladas tinham uma fissura, não a atravessá-las, mas sim no sentido longitudinal: tinham saltado pedaços achatados, que agora estavam soltos e podiam ser utilizados como tampa. Antigamente não eram assim tantos, apenas seis ou sete, e costumávamos usá-los como compartimentos secretos para esconder penas, flores ou cartas.

Naquela altura eu ainda escrevia cartas, ainda acreditava na palavra escrita, impressa, lida. Entretanto deixara de fazê-lo. Era bibliotecária na Universidade de Friburgo, trabalhava com livros, comprava livros, sim, e ocasionalmente também requisitava livros emprestados. Mas ler? Não. Antes sim, eu lia, lia ininterruptamente, na cama, à mesa, nos passeios de bicicleta. Mas tinha acabado com isso. Ler era o mesmo que colecionar, e colecionar era o mesmo que guardar, e

guardar era o mesmo que recordar, e recordar era o mesmo que não saber exatamente, e não saber exatamente era o mesmo que ter esquecido, e esquecer era o mesmo que cair, e as quedas tinham de ter um fim.

Esta era uma explicação possível.

No entanto, eu gostava de ser bibliotecária, exatamente pelos mesmos motivos pelos quais deixara de ler.

Tinha começado por estudar Filologia Germânica, mas durante o estágio apercebi-me de que tudo o que surgia após a bibliografia me parecia irrelevante. Catálogos, glossários, manuais, índices, todos tinham a sua própria beleza subtil, numa leitura fugaz são tão difíceis de decifrar quanto um poema hermético.

Quando passava por uma obra de consulta geral, com as folhas amolecidas pelo manuseamento de muitos leitores, e por vários outros livros, e tocava finalmente numa monografia altamente especializada, cuja capa nunca ninguém antes de mim, exceto um bibliotecário, tivera entre as mãos, isto provocava-me uma sensação de satisfação, que nem o que sentia pelo meu próprio texto conseguia igualar. Além disso, as notas escritas para memória futura correspondem àquilo de que não temos de nos lembrar, ou seja, algo de que uma pessoa se pode esquecer, porque agora sabia onde a poderia voltar a encontrar. E nesse momento aplicava-se novamente o mesmo que à leitura.

Algo que apreciava particularmente no meu trabalho era desenterrar livros esquecidos, livros que estavam no seu lugar há já centenas de anos, que provavelmente nunca haviam sido lidos, tinham uma espessa camada de pó em cima, e que contudo haviam sobrevivido aos seus milhões de não-leitores. Localizara já sete ou oito livros destes, e visitava-os em intervalos irregulares, embora nunca chegasse a tirá-los do lugar. Ocasionalmente, cheirava-os por instantes. Como a maioria dos livros de biblioteca, cheiravam mal, ou seja, o contrário de cheirar a fresco. O que cheirava pior era o livro sobre frisos de parede no Egito antigo, que já estava todo preto e degradado. Visitei a minha avó no lar somente uma única vez, durante todos os anos em que lá permanecera. Estava sentada no seu quarto, ficou com medo

de mim e urinou pelas pernas abaixo. A seguir veio uma auxiliar e mudou-lhe a fralda. Despedi-me de Bertha com um beijo na face. Ela estava gelada, e nos meus lábios pude sentir a rede de rugas que lhe cobria suavemente a pele.

Enquanto esperava sentada nas escadas e ia desenhando com os dedos nas fissuras das lajes, a minha mãe estava sentada dois degraus acima e ia falando comigo. Falava em voz baixa e não terminava as frases, o que fazia com que o som da sua voz parecesse pairar no ar por momentos. Aquilo irritava-me e pensei comigo mesma porque é que recentemente ela fazia sempre isto. Só quando me pôs no colo uma grande chave de bronze, cujo palhetão ligeiramente curvo parecia um adereço de palco de um conto de Natal, me apercebi finalmente do que aqui se passava. Tratava-se da casa, da filha de Bertha sentada aqui nos degraus, da sua falecida irmã que nascera na casa, de mim e de Rosmarie, que falecera na casa. E tratava-se do jovem advogado com o cigarro. Quase não o reconheci, mas era sem dúvida o irmão mais novo de Mira Ohmstedt, a nossa melhor amiga. A melhor amiga de Rosmarie e a minha melhor amiga.